



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(UNIRIO)

AMANDA MATEUS DE ABREU

DO PROJETO À UNIVERSIDADE: um relato de experiência

RIO DE JANEIRO
2021

AMANDA MATEUS DE ABREU

Do projeto à universidade: um relato de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Instituto Villa-Lobos do
Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Música sob orientação da
Professora Dra. Adriana Miana de Faria.

RIO DE JANEIRO

2021

A162 Abreu, Amanda Mateus de Do projeto à universidade: um relato de experiência / Amanda Mateus de Abreu. -- Rio de Janeiro, 2021.
43 f.

Orientadora: Adriana Miana de Faria .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Graduação em Música - Licenciatura, 2021.

1. Espaço Cultural da Grota (ECG). 2. Curso de Formação em Música. 3. Extensão Universitária. 4. Teoria Musical. 5. Percepção Musical. I. Faria , Adriana Miana de , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música

“Do projeto à universidade: um relato de experiência”
por

Amanda Mateus de Abreu

BANCA EXAMINADORA

Adriana Miana de Faria

Adriana Miana de Faria (orientadora)

Mônica Duarte

Mônica de Almeida Duarte

Eduardo Lackschevitz Xavier Assunção

Nota : nove (9,0)

OUTUBRO DE 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem as suas misericórdias e amor não teria chegado até aqui, aos meus pais que tanto me ajudaram, apoiaram e incentivaram para que hoje eu pudesse estar concluindo a minha graduação. Agradeço aos professores por minha formação musical que se realizou, inicialmente, na Igreja Assembleia de Deus, congregação em Monan. Ao Espaço Cultural da Grota pelo ensino de música com o objetivo de possibilitar mudanças nas vidas de tantas pessoas. Obrigada por me acolherem e se comprometerem com a minha formação.

Agradeço aos professores que tive na UNIRIO, em especial a professora a Adriana Miana, minha orientadora, que desde antes do meu ingresso me acompanhou e nunca deixou de acreditar que eu era capaz, mesmo quando parecia que não daria certo ou que não ia conseguir. Ela esteve sempre pronta para me apoiar e este trabalho é mais uma demonstração de toda dedicação empenhada por ela em sua profissão. Obrigada pela paciência e tempo dedicado para que este trabalho se concretizasse.

Agradeço ao Dayvid e ao Calebe, meus amigos na graduação, com os quais compartilhei muitos sorrisos, lanches no *Subway*, angustias e aflições da jornada acadêmica.

Agradeço ao Carlinhos, por dividir a sala de aula, os alunos, os conteúdos a serem trabalhados, conversas sobre o trabalho e a vida. Que a vida ainda possa nos proporcionar muitos momentos musicais, ou não, para serem compartilhados.

Agradeço ao Ivson, Thiago, Carlinhos e Rhenan por compartilharem suas experiências em entrevistas, mas também porque cada um, de forma especial, teve participação marcante em minha vida.

Agradeço ao Mateus e a Bruna, por todas as conversas, por secarem minhas lágrimas, por terem sido companheiros em todo esse processo por que passei.

Agradeço a Tia Denise Neves de Menezes Azevedo, pela correção deste trabalho e a Tia Lili, Juceli Garcia Miranda, por tantas vezes cuidarem de mim como filha.

Agradeço aos professores que passaram pela minha trajetória, Luiz Ricardo Vidal, Lenora Mendes, Wagner Gadelha, Tomaz Soares, Simone Carvalho e tantos outros.

Por último, agradeço a vida por ter possibilitado que a música cruzasse o meu caminho e por ter permitido que eu vivesse momentos tão especiais, desejando que ela nunca me abandone pois ainda temos um longo caminho pela frente.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar o Curso de Formação em Música, projeto educacional relevante dentro da comunidade da Grotta do Surucucu, que é realizado no Espaço Cultural da Grotta (ECG). Este curso contribui para que os participantes do projeto social tenham uma formação educacional na área da música, passem a pertencer a uma rede de sociabilidade construída por meio das possibilidades inerentes ao fazer musical e também apoia seus estudantes a se apresentarem em espaços públicos. A metodologia escolhida foi o relato de experiência, pois a minha trajetória de vida se entrelaça e é perpassada pelo ECG e pelo Curso de Formação em Música, contribuindo inclusive para a escolha da graduação e das práticas educacionais que tive e tenho a oportunidade de promover. Desta forma, também foram realizadas entrevistas com quatro estudantes de diferentes períodos do ECG, todos são graduados ou estão cursando licenciatura ou bacharelado na UNIRIO, para verificar se o Curso de Formação em Música tem proporcionado ou promoveu diferentes possibilidades aos seus estudantes. Como resultado se pode verificar que o curso incentiva e prepara os estudantes para ingressar na universidade, formam uma rede de apoio e colabora com a permanência dos mesmos, por meio de bolsa de estudos.

Palavras-chave: Espaço Cultural da Grotta (ECG), Curso de Formação em Música, Extensão Universitária, Teoria Musical, Percepção Musical.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	08
1. HISTÓRICO DO CURSO DE FORMAÇÃO EM MÚSICA DO ESPAÇO CULTURAL DA GROTA	11
1.1 O que é o Curso de Formação em Música?.....	13
1.2 Quais matérias e atividades devem ser desenvolvidas pelos estudantes?.....	13
1.2.1 Espaços para a realização dos estágios.....	15
1.3 Para quem é dirigido o Curso de Formação em Música?.....	15
1.4 Quantos participantes do ECG já fizeram o Curso de Formação em Música? Quantos deram prosseguimento aos estudos na área de música, quantos cursaram e/ou cursam outras graduações?.....	16
1.5 Quantos desenvolvem atividades de ensino e/ou musicais no ECG?.....	18
1.6 Qual foi a contribuição de professores universitários no Curso de Formação em Música?.....	18
2. HISTÓRIA DE VIDA	20
2.1 Motivação para fazer música.....	20
2.2 Participando como educanda do Curso de Formação em Música.....	24
2.2.1 Monitora em espaços de educação não-formal.....	26
2.3 Contribuição para cursar a graduação.....	27
2.3.1 O que facilitou o ingresso.....	27
2.3.2 O que contribuiu para permanecer na graduação.....	29
3. RELATO DE EXPERIÊNCIA	31
3.1 Bolsista da extensão, retornando ao ECG (2018).....	31
3.1.1 Auxiliando os colegas que querem realizar o Teste de Habilidades Específicas (THE).....	31
3.2 Atividades realizadas no Espaço Cultural da Grotta em 2019.....	32
3.3 Semana de Integração Acadêmica de 2018 e 2019.....	33

3.4 Colaboradora da extensão e as atividades desenvolvidas no ECG.....	37
3.4.1. Outras atividades educacionais na pandemia.....	38
3.5 Conversas e mudanças na compreensão do que é o ECG.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41

INTRODUÇÃO

Autores, como Freitas e Weiland (2014) e Kleber (2014), marcam a década de 1990 como início das ações educacionais na área da música desenvolvidas pelo Terceiro Setor, devido a acontecimentos no Rio de Janeiro. Kleber (2014) destaca que

dois fatos históricos na década de 90, na cidade do Rio de Janeiro, marcaram definitivamente a situação de vulnerabilidade de grupos que vivem à margem dos direitos civis da sociedade. Trata-se do que foi denominado Chacina da Candelária e Chacina do Vigário Geral (KLEBER, 2014, p. 29).

Freitas e Weiland (2014) também descrevem outras razões para o início dessa categoria de trabalho e a razões pelas quais suas ações foram desenvolvidas.

Isso, em parte, deve-se a uma mudança político-social acontecida nos anos 90, no cenário brasileiro e mundial, em que várias ONGs (organizações não governamentais), entidades civis filantrópicas, associações profissionais e comunitárias, setores empresariais e o chamado Terceiro Setor passaram a se preocupar mais com a população, buscando unir esforços para o desenvolvimento de ações comunitárias que visassem a resolução dos problemas vividos pelos setores e grupos populares (FREITAS; WEILAND, 2014, p. 63).

Apesar dessas informações demonstrarem aspectos de extrema relevância para o início das atividades educacionais pelo Terceiro Setor, antes da década 1990, já era possível encontrar espaços educacionais comprometidos em atender a demanda das populações localizadas nas comunidades onde faltam a assistência do Estado e a sua atuação acabava sendo mínima. Diante disso, apresentarei o Espaço Cultural da Grota (ECG) que

começou de forma despretensiosa, a partir das atividades promovidas por uma única pessoa: Otávia Paes Selles, tratada como Dona Otávia. Foi em 1983 que ela iniciou, com recursos próprios, um trabalho voluntário na comunidade da Grota do Surucucu (FARIA, 2018, p. 17)

Tendo como objetivo mostrar como essa pequena ação tomou rumos grandiosos, resultando em um curso de nível técnico na área musical, levando muitos de seus estudantes para a universidade e proporcionando a expansão das práticas educativas desenvolvidas no ECG. Evidenciando o que Oliveira (2011) relata

O projeto que até então era mantido pelo dinheiro de sua aposentadoria e verbas que eram arrecadas por conta de um bazar, tomou destinos inesperados transformando o sonho de dona Otávia em realidade, mesmo depois de sua despedida do mundo (OLIVEIRA, 2011, p. 12)

A escolha do assunto está relacionada à minha trajetória com a música, desde quando comecei a ter relação com um universo musical presente nos ambientes sociais nos quais estava inserida, até ingressar na universidade, relatando as pessoas e os meios que contribuíram para que me mantivesse na graduação. Relato, também, sobre os estudantes do ECG que deram prosseguimento aos estudos da música na UNIRIO, mesmo havendo outros que cursam ou já são formados em diferentes graduações de diferentes áreas: médica, humana e exata.

Contextualizando a minha relação com a música, este trabalho abordará os seguintes questionamentos: O que é o curso de Formação em Música do ECG? Como o ECG e a rede sociabilidade abordada por Magali Kleber (2011) contribuíram para o acesso e a minha permanência na universidade? Além de uma descrição das atividades que participei no ECG como monitora, posteriormente como bolsista e atualmente como educadora de Teoria Musical e Percepção Musical, e como colaboradora do projeto de extensão universitária Percepção.

As entrevistas realizadas para complementação das informações abordadas, nesse trabalho, foram realizadas com monitores e professores do ECG que ingressaram em algum curso de graduação na área de música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

A bibliografia utilizada contém trabalhos que descrevem a realidade que contorna o ensino de música em projetos sociais (SOUZA, 2014; KLEBER, 2011) e outros que demonstram uma perspectiva dos personagens integrantes da realidade do projeto social apresentado aqui (OLIVEIRA, 2011; 2019; FARIA, 2018; MONTEIRO; 2016).

Observando alguns trabalhos acadêmicos, é possível notar que a descrição das atividades educacionais, promovidas por projetos sociais é descrita por pessoas que não vivenciam a realidade presente dentro das comunidades, onde geralmente se encontram esses espaços educacionais. Não que haja algo de negativo nesse aspecto, pelo contrário, é interessante saber que os projetos sociais estejam presentes, mesmo que sua realidade, não seja abordada na íntegra, em espaços como universidade, congressos, entre outras formas de propagação dos saberes dentro da academia. Porém, a relevância desse trabalho se justifica na possibilidade de abordar uma atividade desenvolvida em um projeto social pela ótica de um indivíduo que mantém relações com o ambiente educacional e com o contexto em que ele se insere.

A metodologia utilizada para apresentar e ratificar as informações contidas neste trabalho, foi o relato de experiência. Com base em autores como Fernandes (2015) e Almeida (2018), percebi que seria de extrema importância relatar o impacto das ações realizadas pelo

Curso de Formação em Música, tanto na minha vida pessoal, quanto no desenvolvimento da minha prática docente que foi agregada com o ingresso na universidade.

O método de entrevista utilizado nesse trabalho foi qualitativo, com organização semiestruturada e respostas abertas. Quando realizadas com ex-alunos do Curso de Formação em Música do ECG que entraram na graduação, teve o objetivo de conhecer a relevância e o diferencial de ter passado por esse processo de formação. A pergunta para que todos pudessem relatar suas experiências no curso foi “Você acha que o Curso de Formação em Música agregou para o seu ingresso na UNIRIO?”.

Os ex-alunos foram contactados e convidados, por meio do aplicativo *WhatsApp*. Estes estudantes fizeram sua formação musical, inicial, no ECG, com professores e em épocas diferentes. Os convidados para responderem as perguntas acima foram: Thiago de Souza Monteiro, por ser o primeiro estudante do ECG que concluiu a graduação na UNIRIO; Ivson Gouveia dos Santos, por ter estudado e realizado o THE comigo; Rhenan Lopes Coelho do Amaral, por ter sido meu aluno no ECG e Carlos Rodrigues da Silva por dividirmos muitas das experiências aqui descritas.

Já na entrevista com a coordenadora do projeto, Lenora Pinto Mendes¹, o objetivo foi obter e detalhar informações sobre o Curso de Formação em Música. A entrevista foi realizada por meio de um encontro remoto gravado na plataforma *Google Meet*. A transcrição da entrevista foi realizada, integralmente, e posteriormente foi enviada para a coordenadora a fim de que a mesma pudesse verificar e corrigir o que fosse necessário. Esta transcrição, revista, que foi utilizada neste trabalho de conclusão de curso.

¹ Lenora, esposa de Marcio Selles, começou a trabalhar no ECG após o falecimento de sua sogra, Otávia Paes Selles, em 1998. Desde então coordena o projeto social junto com Marcio, além de ministrar aulas de teoria musical e flauta doce. Lenora foi minha professora de flauta doce e a primeira de teoria musical no ECG. Lenora concluiu o doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em Música Medieval e Renascentista pelo Sarah Lawrence College em Nova York, EUA e graduou-se em Educação Artística com habilitação em Música pela UFRJ (FARIA, 2018).

1. Histórico do Curso de Formação do Espaço Cultural da Grotá

O ECG é um projeto social localizado na comunidade da Grotá do Surucucu, no bairro São Francisco, na cidade de Niterói – Rio de Janeiro. Este espaço educacional atua desde a década de 1980, o que implica muitas histórias, conquistas e atividades desenvolvidas com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de seus participantes.

Nesse capítulo será realizada a descrição do Curso de Formação em Música ofertado pelo ECG, incluindo também o histórico, abordando algumas informações relevantes da sua implementação e se focará nos acontecimentos de 2018 até 2020, visto que informações sobre os anos precedentes podem ser encontradas em trabalhos anteriores a este (OLIVEIRA, 2011; 2019; MONTEIRO, 2016; FARIA, 2018), sendo agregadas com detalhes da fundação deste espaço educacional.

O Curso de Formação em Música no ECG tem alcançado e proporcionado oportunidades para os estudantes do projeto, destacando aqui, neste trabalho, o ingresso de seus participantes na graduação em música.

A partir de 2004 foi iniciado um projeto de formação técnica em música com a parceria do Instituto Cooperforte, PASSAPORTE DO FUTURO, ampliando a possibilidade de geração de renda dos integrantes da Orquestra de Cordas da Grotá. Para gerar oportunidades de trabalhos criamos núcleos de multiplicação, que chegam a 12, cobrindo, além de Niterói, os municípios de Maricá, Itaboraí, São Gonçalo e Nova Friburgo, onde eles replicam a metodologia Orquestra de Cordas da Grotá. Além disso, eles ficam aptos para trabalhar no mercado como MEI – instrutores de música².

Com acontecimentos, como o ingresso de estudantes nas universidades, a possibilidade de locomoção para outros espaços educacionais e o diálogo com outros ambientes, foi possível estreitar outras parcerias como podemos observar nesse outro fragmento do documento “BVSA - Projetos implantados com Lenora”

2005, com apoio do Instituto Cooperforte até 2009; de 2010 à 2014, contou com o apoio da SEC-RJ, selecionado em edital como Ponto de Cultura; em 2015 está sendo apoiada pela Brasil Foundation. Conta com parceria da UNIRIO e UFF para aulas de percepção musical e acompanhamento

² Documento do acervo particular da coordenadora, intitulado “ECG Formação em Música COOPERFORTE” refere-se ao projeto da Reciclarte “Formação em Música no Espaço Cultural da Grotá” submetido a COOPERFORTE no ano de 2020.

psicopedagógico, respectivamente. E para as aulas de Teoria Musical com os voluntários Lenora Mendes e Wagner Gadelha. São atendidos: 30 alunos.

A parceria com a UNIRIO se deu por meio da chegada da professora Adriana Miana, em 2014, levando até o ECG o projeto de extensão universitária “Percepção”, tudo isso através de um estudante que ingressou na universidade.

O primeiro contato com o ECG se deu em 2013, na UNIRIO, por meio de um estudante de licenciatura em música, calouro, oriundo do projeto social, que até aquele momento não tinha tido acesso a atividades para o desenvolvimento da percepção musical. Os graduandos levavam para os encontros de Percepção na UNIRIO colegas, professores ou estudantes dos projetos sociais. Entretanto, ao constatar que só o graduando oriundo do ECG não levava outro colega do ECG, em função dos custos para o deslocamento da cidade de Niterói ao Rio de Janeiro, propus que fizéssemos atividades de percepção musical também na sede deste projeto (FARIA, 2018, p. 3)

Essas aulas eram “um encontro semanal de duas horas, realizado aos sábados, de 13h às 15h, na sede do projeto” (FARIA, 2018, p. 8). A partir dessa parceria se integrou uma nova matéria do Curso de Formação em Música.

Antes desse acontecimento relatado acima, o curso passou por uma modificação. Até 2015 os estudantes faziam as aulas de Teoria Musical no ECG, durante dois anos, e depois faziam mais dois anos no Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro, localizado na Rua Presidente Backer, 180 - Icaraí, Niterói.

O que aconteceu: a gente fez esse convênio com o Conservatório com o objetivo de ter uma certificação para os alunos. Vocês sempre falaram isso: “lá a gente aprende tudo de novo, estuda tudo de novo, pra que é isso?” A ideia inicial era ter uma certificação oficial, que a gente não tinha como dar, bom, a gente achava que não tinha como dar, só que o conservatório também não estava dando mais a certificação, deu nas primeiras turmas e depois não estava dando mais. Então estava sendo um gasto que a gente estava incluindo nos custos e além de não estar dando certificação, o conteúdo também não tinha grandes diferenças. Então em 2016 entrou um patrocínio da Cooperforte de novo e foi justamente o ano que a gente teve que juntar as turmas porque eles queriam formar 10, achavam que 5 cinco era muito pouco e não tinha como justificar o patrocínio para formar 5 pessoas. (MENDES, 2021)

A partir desse ponto, o curso assumiu uma estrutura que permanece atualmente com aula de Teoria Musical, Percepção Musical, Prática de Orquestra, Prática Orquestral, além de oficinas de Musicalização e Empreendedorismo, contando, também, com apoio psicopedagógico e estágios dentro dos núcleos de multiplicação do projeto. Todas essas atividades serão descritas detalhadamente mais adiante.

1.1 O que é o Curso de Formação em Música?

Segundo o projeto “Formação em Música no Espaço Cultural da Grotá”, o Curso de Formação em Música consiste em uma oportunidade para os estudantes do ECG obterem uma formação na área de música com bolsa de estudos, e é comum que muitos dos estudantes se sintam incentivados a cursarem uma graduação. Como consta no projeto acima, são mais de 60 estudantes, que se formaram ou estão cursando uma graduação.

Além disso, também, essa formação foi um meio de gerar renda familiar para que os participantes das atividades do projeto pudessem dar seguimento ao estudo da música. Tendo em vista que ao entrarem na adolescência, começava uma cobrança dos responsáveis para que esses jovens ajudassem nas despesas domésticas, causando assim uma evasão nas atividades musicais, a fim de que pudessem ingressar no mercado de trabalho.

1.2 Quais matérias e atividades devem ser desenvolvidas pelos estudantes?

No 1º e 2º ano do Curso de Formação em Música, os estudantes têm aula de Teoria Musical, Percepção Musical, Prática de Orquestra e Aperfeiçoamento nos Instrumentos. Ao chegar no 3º ano, o aluno continua com as aulas dos anos anteriores acrescentando, Prática de Sala de Aula e oficinas de Empoderamento, Empreendedorismo e Musicalização.

Em documento³ pesquisado, é possível encontrar o que se pretende ensinar em cada matérias que os alunos cursam no 1º, 2º e 3º ano.

Na Teoria Musical, são ensinados os conteúdos relacionados com a escrita musical, a cada ano entram novos conceitos. Começando desde a origem e história da pauta musical até os conteúdos presentes nos arranjos e músicas tocadas nas orquestras.

Na Prática de Orquestra, que é de cordas friccionadas, o repertório é diversificado com músicas brasileiras e de concerto.

No Aperfeiçoamento no Instrumento, é trabalhado um repertório conjugado com os exercícios técnicos para sua execução.

Na Percepção Musical, são desenvolvidas práticas de ensino por meio de jogos e/ou atividades com o corpo em movimento para o emprego dos conteúdos sistematizados na Teoria

³ Documento do acervo particular da coordenadora: “Disciplinas primeiro ano”, “Disciplinas segundo ano” e “Disciplinas terceiro ano”.

Musical e que também estão presentes na Prática de Orquestra. Também são realizadas atividades de imaginação e de criação sonora.

Nas aulas de Percepção Musical, que ocorrem aos sábados, das 10h30min. às 12h, são recebidos os alunos dos três anos de curso e mais outros estudantes que tenham interesse em participar das aulas, portanto as atividades acompanham o interesse e o desenvolvimento do grupo.

Há quatro a três orquestras no ECG, de A até D. Elas são organizadas com músicos de diferentes níveis técnicos. Desta forma, a orquestra D e C que são as iniciais, por vezes, se fundem por falta de espaço físico para a realização dos ensaios de dois grupos distintos. A orquestra B e A são as que fazem apresentações dentro e fora do ECG, sendo que o repertório da A exige um desenvolvimento técnico muito maior do que na B. Na Prática de Orquestra, nem sempre são oferecidas vagas para a entrada na orquestra B e isso contribui para a permanência dos alunos do Curso de Formação em Música no grupo orquestral que iniciaram, a orquestra C.

Nas aulas de Aperfeiçoamento do Instrumento escolhido, geralmente, os estudantes acabam sendo acompanhados, ao longo do curso, por um professor e em muitos casos não precisam mudar para outra turma, visto que se desenvolvem tecnicamente, fazendo com que toda a turma prossiga conjuntamente.

Somente, no 3º ano, é cursada a matéria Prática de Sala de Aula, estágio que os monitores fazem, ao observar as aulas realizadas nos núcleos. Os estudantes sob a supervisão dos professores têm a possibilidade de observar como são ministradas as aulas e a metodologia utilizada pelo professor da turma. Além disso, auxiliam em tarefas como afinar os instrumentos dos estudantes, preencher a chamada diária, computar as presenças e fazer o registro do que foi trabalhado em aula. Raramente, um monitor assume a turma mesmo em caso de falta do professor.

As oficinas de Musicalização e Empreendedorismo são oferecidas por Alexandra Seabra, uma estudante que fez sua formação inicial no ECG, graduou-se em música pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM) e em produção cultural pela Universidade Cândido Mendes. Na oficina de Empreendedorismo, temos informações, orientações e esclarecimentos para nos tornarmos Microempreendedores Individuais (MEI). O que fornece a possibilidade de prestar serviços e emitir nota fiscal por trabalhos efetuados.

Na oficina de Musicalização, realizamos diversas atividades de ensino sem a utilização de instrumentos. Esse tipo de procedimento difere da proposta de ensino realizada no ECG e é bastante apropriado para o ensino de música em escola regular.

As oficinas de Empoderamento, realizadas no ECG, eram oferecidas pela professora Dra. Sandra Santos Cabral Baron, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que realizava encontros periódicos na Faculdade de Educação com a temática “resiliência”.

No ano de 2021, essas atividades foram substituídas pelo acompanhamento psicopedagógico, realizado pela professora Diana Pazzini dos Santos. Ela é ex-aluna do núcleo do ECG, localizado no bairro do Apolo, na cidade de Itaboraí. Diana é formada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Nestes encontros, os monitores aprendem a planejar aulas e vivem a experiência de ministrá-las para os colegas.

1.2.1 Espaços para a realização dos estágios

O ECG, além de sua sede, tem dez núcleos de multiplicação distribuídos nas cidades de Niterói e, em outras, como São Gonçalo, Itaboraí, Maricá e Friburgo. As atividades de ensino destes núcleos são ministradas em escolas públicas ou em instituições religiosas que participam do programa Multiplicando Talentos. |Nesses espaços, são oferecidas aulas de iniciação musical para moradores da localidade onde o núcleo atua, utilizando a metodologia aplicada no ECG.

Como abordado anteriormente, no terceiro ano do Curso de Formação em Música, os estudantes precisam fazer a Prática de Sala de Aula. Essa carga horária pode ser cumprida em aulas ministradas por professores da sede ou dos núcleos. Na admissão de monitores para uma turma, é considerado o nível técnico no instrumento, que deve ser superior ao da turma em que esse monitor fará a observação. A disponibilidade e a distância percorrida até o local onde irá cumprir o seu estágio é rigorosamente observada, procurando-se, sempre, priorizar o lugar, que seja, o mais próximo possível da residência do estudante.

1.3 Para quem é dirigido o Curso de Formação em Música?

Inicialmente, quando o projeto do Curso de Formação em Música foi elaborado, o objetivo era alcançar os estudantes de cordas friccionadas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), já que, esses instrumentos eram maioria nas orquestras atuantes no ECG. Além do mais, isso se explica devido ao custo dos instrumentos, como é possível notar no relato da Lenora: “Isso acontece devido ao acesso, você sabe que o acesso a um instrumento de corda é muito mais fácil do que a um instrumento de sopro.” (MENDES, 2021).

Atualmente, os alunos que participam do Curso de Formação em Música têm um perfil diferente do descrito acima, no que tange, ao instrumento que tocam. Todos os estudantes do projeto podem participar do curso, desde que possuam idade acima de 16 anos e já atuem em algum dos grupos orquestrais. Dessa forma, podem tocar outros instrumentos como os de percussão, de sopro, harpa, dentre outros.

1.4 Quantos participantes do ECG já fizeram o Curso de Formação em Música? Quantos deram prosseguimento aos estudos na área de música, quantos cursaram e/ou cursam outras graduações?

O curso de Formação em Música oferecido para os educandos do ECG, possibilita que esses alunos tenham acesso a um conhecimento de qualidade, capaz de proporcionar o ingresso destes na faculdade. Essa é uma realidade que, por vezes, acaba se distanciando do indivíduo morador de comunidade, seja pela violência provocada por criminosos ou pela resposta desproporcional do Estado, demonstrada em conflitos armados, e, também pela ineficiência em promover ações sociais, pela falta de acesso à educação ou por falta de espaços que promovam condições para se refletir e tomar consciência de que a universidade é um direito de todos.

Ano	Concluíram o Curso de Formação em Música	Ingressaram em uma graduação em Música	Ingressaram em uma graduação de outra área
2006	8 alunos	5 alunos	1 aluno
2007	5 alunos	2 alunos	1 aluno
2008	5 alunos	5 alunos	
2009	5 alunos	4 alunos	1 aluno
2010	5 alunos	1 aluno	3 alunos
2011	5 alunos	4 alunos	1 aluno
2012	4 alunos	4 alunos	
2013			
2014			
2015	4 alunos	3 alunos	1 aluno
2016	10 alunos	3 alunos	3 alunos
2017	10 alunos	2 alunos	3 alunos
2018		3 alunos	
2019	10 alunos	3 alunos	1 aluno
2020	9 alunos		2 alunos

Os anos de 2013 e 2014 se encontram vazios, porque apesar do curso ter ocorrido, não houve turmas se formando. Além disso, foram anos em que não houve patrocínio, portanto não foram feitos registros escritos, como relatórios para serem enviados para alguma instituição externa. Desta forma, as despesas para manutenção do Curso de Formação foram arcadas com recursos próprios do ECG, obtidos por meio de venda dos CDs da orquestra de corda da Grota (OCG). Houve, também, manutenção de despesas, com doações feitas através da dedução do imposto de renda e os associados que contribuem com um valor anual para o sustento necessário do espaço. Assim, os estudantes puderam receber suas bolsas, os professores do ECG e regentes receberam por suas atividades.

Todos os dados utilizados para a elaboração desta tabela, entre os anos de 2006 e 2017, foram obtidos por meio de documento do acervo particular da coordenadora. Este documento está nomeado “Formação em Música no ECG” e outras informações foram obtidas em entrevista realizada com Lenora no dia, 07 de setembro de 2021.

É importante frisar, que não cabe uma comparação com a quantidade de estudantes que se matricularam no projeto em cada um dos anos mencionados, pois os formandos, em muitos casos, já participavam de outras atividades antes do Curso de Formação em Música. Além disso, em alguns casos da coluna “Ingressaram em uma graduação de outra área.” Alguns estudantes já faziam a graduação antes mesmo de participarem do Curso Formação em Música, mas ainda assim considero importante englobá-los levando em consideração que as atividades do ECG incentivam todos para cursarem uma graduação. Assim, a música, de alguma forma teve um protagonismo neste processo.

Em entrevista, quando perguntados “Você acha que o Curso de Formação em Música agregou algo para o seu ingresso na UNIRIO?” Os estudantes trazem respostas muito positivas como é possível perceber na fala de Thiago de Souza Monteiro, Ivson Gouveia dos Santos e Carlos Rodrigues da Silva (Carlinhos).

Absolutamente! Na verdade, meu interesse final foi entrar em alguma universidade para o curso superior em música e eu prestei testes para todas as três instituições do Rio de Janeiro e fui aprovado em todas elas. À época, fui aprovado primeiro para o CBM, em seguida na UFRJ e por último, na UNIRIO. Confesso que foi um tanto surpreendente, pois não acreditava, inicialmente, que seria aprovado pra nenhuma dessas instituições, mas quando tive o resultado da UNIRIO, que era a mais concorrida e eu jamais pensei que pudesse ser apto, foi um tanto inacreditável. (MONTEIRO, 2021)

O Curso de Formação em Música do ECG foi fundamental para o meu ingresso na UNIRIO, pois no Curso éramos expostos a todo momento a

questões teóricas e práticas semelhantes as das provas da UNIRIO, ex: Solfejo, Teoria, Ditado melódicos, entre outros. (SANTOS, 2021)

Com certeza, se não fosse pelas aulas forçadas nunca iria pensar em fazer Licenciatura e se não fosse pelas aulas de Percepção não teria ideia que pudessem ter diversas maneiras de fazer e aprender Música. (SILVA, 2021)

Dá para perceber que houve modificações no Curso de Formação em Música, pois o Thiago que ingressou em 2013, nem acreditou que havia passado para a UNIRIO, o Ivson já se sentia familiarizado com os conteúdos da prova e o Carlinhos não havia nem pensado em fazer Licenciatura.

1.5 Quantos desenvolvem atividades de ensino e/ou musicais no ECG?

Atualmente, muito estudantes que concluíram o Curso Formação em Música permanecem dando aulas no ECG, alguns integrando o quadro de professores do próprio curso. Geralmente, os estudantes que atuam como estagiários, ao término do curso são encaminhados para um dos núcleos de multiplicação. São oferecidas vagas para professores formados no Curso de Formação em Música. Desta forma os formados já têm a oportunidade do primeiro emprego dentro de um ambiente conhecido e onde, já, atuaram de alguma forma. A coordenadora descreve o que é observado para a escolha dos professores do Curso de Formação em Música.

A gente sempre privilegia alunos nossos que estão cursando a faculdade e quem tem o interesse também de participar, que se envolva com o curso. Nunca convidei assim, ninguém que não estivesse envolvido de alguma maneira com o curso. As pessoas começam trabalhando porque querem trabalhar, porque querem ajudar e acabam abrindo espaço para entrarem como professores e a gente então bota. Porque tem que querer, tem que gostar disso, tem que gostar de teoria, tem que gostar de aula de teoria. (MENDES, 2021)

1.6 Qual foi a contribuição de professores universitários no Curso de Formação em Música?

Como já foi dito, anteriormente, muitas parcerias foram alcançadas com o objetivo de colaborar com estrutura oferecida no Curso de Formação em Música. Esse advento contribuiu para a integração de professores universitários com os monitores, o que acabou ocasionando mudanças no curso como é possível perceber na fala da coordenadora.

A entrada da Adriana enriqueceu o curso. Por exemplo foi criada a aula de percepção que não tinha e é superimportante. A Adriana também fez várias oficinas muito ricas. Eu acho o crescimento na área da percepção muito importante. Criou-se também um link entre o teórico e o prático, que é um problema antigo dos cursos de teoria, o aluno fazer essa junção, teoria e prática, nas aulas de harmonia também. Houve um ganho muito grande nesse aspecto. (MENDES, 2021)

A presença de pessoas envolvidas com atividades acadêmicas acaba estimulando os estudantes do Curso de Formação em Música a prestarem vestibular para o ingresso em universidade, visto que se cria um espaço de trocas muito diverso.

2. HISTÓRIA DE VIDA

2.1 Motivação para fazer música

Comecei a estudar música na igreja que frequento, Assembleia de Deus em Pendotiba – congregação em Monan, conhecido no campo⁴ por ter um grande departamento musical. Nesta igreja o pastor é músico e formou um grupo que tocava e cantava nas reuniões. Alguns destes músicos, além do pastor ensinavam uma prática musical aos interessados, que frequentavam ou não os cultos.

Esse ensino era realizado de tempo em tempo, pois estas atividades de ensino/aprendizagem não eram regulares. O ensino de música na igreja era impulsionado e motivado por dois responsáveis por esta parte do culto. A irregularidade do ensino dava-se por conta de alguns motivos: falta de pessoas aptas a dar aulas de música, falta de divulgação para alcançar mais pessoas fora da comunidade religiosa, falta de uma ajuda financeira para auxiliar os músicos que disponibilizavam seu tempo para dar aulas, horários inadequados para as crianças participarem.

Geralmente, essas aulas ocorriam à noite e os responsáveis não tinham disponibilidade para levá-las até a igreja; falta de investimento em material escolar e instrumentos musicais e por fim inconstâncias das aulas, pois os músicos muitas vezes tinham a demanda de tocar em outras programações da igreja.

Mesmo com todas as idas e vindas, dei início ao estudo da música, por volta dos 9 anos, fazendo aulas semanais. As aulas aconteciam nas terças, das 18h às 19h e minha mãe me levava toda a semana, já que tinha folga do seu trabalho nesse dia. Ela me buscava na escola às 17h15min., levava um lanche, uma roupa para me trocar, pois não era possível ir em casa antes da aula por conta da distância entre a escola e a igreja. Chegávamos na igreja por volta das 17h30min, e eu ficava esperando o início da aula às 18h.

Às vezes, tinha ensaio do conjunto vocal que minha mãe fazia parte. Esse ensaio ainda ocorre das 19h30min às 21h. Então, nesse tempo, ficava no pátio da igreja esperando o ensaio acabar por 1h30min. Este tempo, era o meu tempo para brincar e correr com outros colegas que também estavam esperando os responsáveis para voltar para casa.

As aulas continuavam e não recorro quanto tempo estudei na igreja, mas depois de alguns meses, lembro que as aulas acabaram. Dei continuidade aos meus estudos com minha prima, Elisa, que na época tocava violino e flauta doce. Nós frequentávamos a mesma igreja e

⁴ Campo é a forma como fazemos referência a união de várias congregações da Assembleia de Deus em Pendotiba, a igreja que frequento é uma congregação localizada em Monan conectada a matriz de Pendotiba.

ela continuou dando aula, em sua casa, de flauta doce aos sábados de manhã para quem quisesse.

Alguns dos meus colegas ficaram desmotivados de fazer as aulas de música na parte da manhã e em outro local. Após um breve tempo sem aulas ela me convidou para estudar música com ela em sua residência. Durante toda essa trajetória, minha mãe me acompanhava nas aulas, por mais que fossem no mesmo bairro ainda era pequena para ir sozinha e quando ela não podia me levar essa função ficava com meu pai ou minha avó e quando nenhum dos dois podia, eu não ia às aulas.

É importante salientar, que tive incentivo dos meus pais e a possibilidade de sempre ser acompanhada por eles para estudar música. O meu pai queria que eu estudasse violino, pois desejava que eu participasse da orquestra da igreja. A minha mãe queria que o meu tempo fosse totalmente ocupado e não ficasse ocioso.

Depois de um tempo, minha prima não pôde mais dar aulas. Então, uma colega que fazia as aulas, junto comigo, informou que a avó dela iria colocá-la em projeto social na Grotta. Dessa forma, conheci o Espaço Cultural da Grotta (ECG). Quando isso aconteceu, já estava na metade do livro para ensino de flauta doce, chamado “Pedrinho toca flauta”.

Fiquei, na verdade, quase um (1) ano sem fazer aulas de música. Eu tinha um violino dado por meu pai, presente de aniversário. Esse era o instrumento que pedi a ele, enquanto estava fazendo aula na igreja. Queria tocar violino, pois todas minhas colegas da igreja tocavam este instrumento. Desta forma, poderia fazer parte e ser inserida na orquestra da igreja. O estudo do instrumento, porém, somente, foi iniciado alguns anos mais tarde.

Meus colegas e alguns estudantes, que tive, enquanto monitora em projetos sociais, sempre me perguntam o porquê de ter escolhido o violino. No fundo, a resposta era bem simples, não me identificava com os instrumentos de sopro e a maioria das meninas que participavam da orquestra da igreja tocava violino, então, estava aí o motivo da escolha.

As aulas de música no Espaço Cultural da Grotta, eram nas sextas, pela manhã das 9h às 10h, e esse horário era o único possível para mim, pois estudava no turno da tarde. Assim, reiniciei meus estudos na flauta doce. Então a rotina começou a mudar, todas as sextas-feiras minha mãe me acordava e pegávamos o único ônibus que passava no ponto próximo da minha casa, nº48. Este ônibus sempre estava muito cheio e a distância da minha casa para o local onde iria fazer as aulas de música era bem maior.

Como já havia iniciado meus estudos na flauta doce depois de algum tempo no ECG me colocaram na turma intermediária e em menos de um ano estava na turma avançada. Participei de algumas apresentações com o grupo de flauta e depois fui para a turma de violino. A partir

desse momento, comecei a frequentar o ECG duas vezes na semana. Continuei indo às sextas-feiras e as segundas-feiras de manhã.

Durante esse período em que precisava ir de manhã para o projeto, minha mãe sempre me levava e ficava lá esperando a aula terminar para poder me levar para casa e me arrumar para ir à escola.

Quando fui cursar o 6º ano do ensino fundamental, precisei mudar de escola, pois onde estudava só tinha o fundamental I. As escolas funcionavam da seguinte forma em Niterói, a rede municipal cuidava do ensino fundamental, algumas escolas do I e II e outras somente do I, e os colégios estaduais eram responsáveis pelo ensino fundamental II ou só pelo ensino médio. Então, saí de uma escola municipal para um colégio estadual que era muito maior.

Quando cheguei ao colégio, pouco tempo depois, algum amigo falou que tinha um núcleo do projeto do ECG, no CEPAR (Colégio Estadual Paulo Assis Ribeiro), no Badu. Nessa época, já ia sozinha para as aulas na sede do ECG, em São Francisco. Naquela época, comecei a fazer aula no núcleo e continuei fazendo aulas na sede do projeto. Então minha “rotina musical” era as terças e quintas-feiras no núcleo e segundas e sextas-feiras na sede do ECG.

Depois de um tempo comecei a fazer um curso de informática e resolvi continuar com as atividades de música só no núcleo.

É comum que depois de algum tempo de estudo os estudantes dos núcleos comecem a frequentar o ECG para participar das orquestras e comigo não foi diferente. É possível observar esse acontecimento relatado em entrevista realizada por Monteiro (2016) a Cecília Miranda Pontes⁵.

A estrutura do curso é a estrutura da Grota. Só que não dá pra repetir toda aquela estrutura, então o aprendizado da flauta, a iniciação no violino... isso é feito no núcleo. Quando você tem que fazer a parte já mais técnica, teoria, aí você vai pra lá, aí começa. Foi quando vocês (alunos do Apolo) começaram a ir pra Grota. Vocês começaram a fazer prática de orquestra, fazer aula de teoria com Lenora, aí vocês foram 21 fazer o curso técnico no conservatório que era uma parte complementar a parte de Lenora, aí então as pessoas tem que descer porque nós não temos estrutura daquela que tem lá na OCG pra colocar em todos os núcleos. (PONTES *apud* MONTEIRO, 2016, p. 20-21).

Então, comecei ir aos sábados para o projeto a fim de participar da orquestra D que ensaiava das 15h às 16h, e tocávamos músicas do método Suzuki. Depois de algum tempo, indo lá, aos sábados, só para isso, comecei a fazer as aulas de Teoria Musical I, mas não levei muito a sério e em algum momento acabei abandonando.

⁵ “Cecília Miranda Pontes é assistente social aposentada e colaboradora direta no projeto da Grota.” (MONTEIRO, 2016, p. 19)

No ano seguinte, o professor Luiz Ricardo Vidal, mais conhecido como Nem, que foi um dos primeiros alunos, ainda no tempo de Dona Otávia, atuando como violinista da OCG A e regente da Orquestra do Badu⁶, uma das poucas orquestras fora da sede do ECG. Foi ele quem me deu aula de violino no núcleo do bairro do Badu.⁷ Esse professor convidou a mim e a outros alunos para frequentarmos o ensaio da OCG C, que se realizava aos sábados, de 13h às 15h.

Até hoje sei descrever o primeiro ensaio como foi. Antes de 13h, já estava no projeto junto com Ianny, Ivson, Joyce, Jeniffer e Sara no portão, mas com vergonha de chegar ao ensaio.

Nesse momento, o coordenador Márcio Selles⁸ chegou, nos chamou, colocando-nos sentados para participar da orquestra que na época era regida por Wagner Gadelha⁹.

Depois disso fizemos a aula de Teoria Musical I, foi neste período que cursei o primeiro ano inteiro. Participar das aulas e ensaios junto com os meus amigos acabou me motivando de alguma forma.

Nos anos que foram passando aconteceram muitas coisas, claramente não vou lembrar de tudo, mas alguns momentos foram mais marcantes, pois percebi que só consegui tê-los por que participava do projeto, por isso vou descrever alguns deles.

A primeira vez que fui ao Teatro Municipal de Niterói foi para assistir o evento de 15 anos da Orquestra de Cordas da Grota, também a primeira vez que fui ao Teatro Municipal do Rio Janeiro foi para assistir a Orquestra de Heliópolis com outros colegas do ECG. A oportunidade de ir ao Festival do Vale do Café, que ocorre em Vassouras cidade do Rio de Janeiro, pela primeira vez também veio por ser uma integrante do ECG, até então não tinha ideia do que era um festival.

Participar de um projeto social traz muitas possibilidades que “(...) não se explicam pelo uso da música em si, mas pelas oportunidades que oferecem de convivência, de novas experiências, de novos espaços de troca, de crescimento e de aprendizagem.” (MACIEL, 2014, p. 106) e que talvez não seriam possíveis frequentando outros espaços já conhecidos, como a escola, igreja etc. Além das viagens, concertos em locais públicos e privados, apresentações em escolas e trabalhar com diversas pessoas em diferentes espaços, também é comum participarmos de festivais de música em cidades e até mesmo em outros estados da federação.

⁶ A Orquestra do Badu, ensaia no Colégio Estadual Paulo Assis Ribeiro (CEPAR), é formada atualmente por estudantes do núcleo do CIEP .450 Di Cavalcanti e monitores do Curso de Formação em Música.

⁷ As aulas nesta época eram realizadas no Colégio Estadual Paulo Assis Ribeiro (CEPAR), que ficava próximo da casa.

⁸ Regente, professor e coordenador do ECG, Marcio foi o primeiro professor de música do projeto. Marcio trabalhou na Universidade Federal Fluminense (UFF) é Doutor em História (UFF), mestre em Música Antiga pelo Sarah Lawrence College (New York - USA).

⁹ Graduado em Licenciatura em Música na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente trabalha como professor de violino, violoncelo e flauta doce no núcleo do ECG em Mury – Friburgo.

Aos 15, anos tive a possibilidade de ir ao Festival do Vale do Café. Este festival ocorre, geralmente, entre os meses de julho e agosto, com duração de uma semana.

No período que estive participando, desfrutei de muitas experiências musicais, conversas e trocas com os demais estudantes. Dentre tantos episódios vividos, um em particular me marcou muito e me ajudou a ter total convicção de que iria fazer graduação em Música.

Quando cheguei na classe de violino, a qual me inscrevi para fazer as aulas, levando em consideração que esse é o instrumento que toco, tinha muitos alunos de graduação no curso de Bacharelado em Violino, tocando os mais lindos e virtuosísticos concertos. Nesse momento fiquei totalmente encantada e com a certeza de que trabalharia com música.

Ainda no festival, conheci melhor dois dos cursos de graduação em música: Bacharelado e Licenciatura. Sempre quis ter uma formação que me possibilitasse dar aulas, quando tomei conhecimento das particularidades do curso de Licenciatura encontrei o que uniria minhas duas paixões, a música e a prática de ensinar.

Foi um passo muito grande tomar essa decisão tão cedo, levando em consideração que sempre estudei em escolas públicas e pouco se falava sobre essa chance de entrar na universidade. Não havia uma motivação por parte dos professores da escola e do próprio ambiente para que se pensasse em uma graduação. Terminar o Ensino Médio parecia ser mais do que satisfatório, parecia que só éramos capazes de concluí-lo, era considerado aos olhos dos que faziam parte do meu círculo de convívio familiar, escola e na igreja, ser o suficiente.

2.2 Participando como educanda do Curso de Formação em Música

Antes de entrar no curso de Licenciatura em Música, passei pelo Curso de Formação em Música oferecido pelo ECG. Quando iniciei o curso ele era feito em quatro anos, o primeiro e segundo ano na sede do ECG e os dois últimos no Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro, na unidade localizada na Rua Presidente Backer, 180, Icaraí – Niterói.

No segundo ano, ganhava-se uma bolsa no valor de R\$ 200,00. A metade do valor da bolsa era para pagar a mensalidade do conservatório e outros R\$ 100,00 para utilizar da forma que quiséssemos. As aulas eram realizadas nas segundas-feiras das 17h às 18h, com a carga horária reduzida pela metade se comparada as aulas que assisti no ECG no primeiro e segundo ano, que tinham duas horas de duração. Apesar disso os encontros eram bem aproveitados, pois na turma havia três alunos: eu e mais duas pessoas. Isso fazia com que a aula rendesse e que todas as nossas dúvidas pudessem ser esclarecidas.

Em 2016, comecei a estudar o terceiro ano do curso de música e nesse momento algumas coisas mudaram. Voltei a fazer as aulas de Teoria Musical na sede do ECG, tinha aulas de Percepção Musical, Aperfeiçoamento no Instrumento, Prática de Orquestra e Prática de Sala de Aula, oficinas de Empoderamento, Musicalização e Empreendedorismo. O valor da bolsa seguia o mesmo, mas agora os R\$ 200,00 eram integralmente para ser usados da forma que desejava, mas tinha desconto caso houvesse falta nas aulas.

Participar de todas essas aulas parecia enlouquecedor pois eram muitas atividades para serem realizadas aos sábados, mas ao mesmo tempo era muito divertido, pois a minha turma era muito unida. Éramos amigos pela convivência semanal no ECG, o que ajudava a manter o interesse nas aulas e concluir o Curso de Formação em Música.

Kleber (2011) descreve que “[...] as práticas musicais são fruto da experiência humana vivida concretamente em uma multiplicidade de contextos conectados” (KLEBER, 2011, p. 38), pois o fazer musical com uma coletividade, que se insere dentro de um ambiente socioeconômico próximo, traz muitas perspectivas, trocas de experiências que são mais familiares, desta forma tinha uma sensação de pertencimento e os meus amigos contribuía para a realização dos objetivos que tinham naquele momento.

Em algumas quartas-feiras, na parte da tarde, fazíamos a oficina de Empoderamento. Já aos sábados, começava às 9h com a aula individual de instrumento, às 10h30min a Prática de Orquestra, às 12h fazíamos uma pausa para o almoço, depois continuávamos das 13h às 15h com a aula de Percepção Musical e das 16h às 18h com a aula de Teoria Musical III, já as oficinas de Musicalização e Empreendedorismo eram realizadas em alguns domingos espalhados pelo ano, começavam às 9h e terminavam às 17h.

Os estágios eram feitos de diversas formas, mas a maior parte da carga horária se deu por concertos didáticos feitos em escolas, participação na Orquestra do Badu, um dos núcleos do ECG e, assistir as aulas de uma turma de instrumento, que não poderia ser a que fazia parte, para poder acompanhar e observar as atividades de ensino.

Os concertos didáticos, nem sempre aconteciam no contraturno do horário da escola, que no meu caso era de manhã, mas quando era necessário faltar o ECG concedia uma declaração para abonar a falta, apesar disso era sempre incentivada a pensar mais de uma vez antes de tomar a decisão de ir, pois sempre foi priorizado o aprendizado escolar, ainda mais que a maioria dos estudantes da turma estava em processo de conclusão do Ensino Médio.

Os ensaios da Orquestra do Badu eram realizados nas sextas-feiras das 17h às 19h, o regente também era professor da turma de violino que fazia observação e aulas eram realizadas no mesmo dia das 14h às 16h. Além dessa turma, também frequentei algumas aulas de música

no AEN (Associação Educacional de Niterói), onde, Alexandra Seabra, professora do ECG, também ministrava os encontros.

2.2.1 Monitora em espaços de educação não-formal

Agregando as experiências dentro da sala de aula proporcionadas pelo estágio do Curso de Formação em Música, no ano de 2016 tive a oportunidade de atuar como Monitora no Projeto Som+Eu até agosto de 2017, quando ingressei na graduação. Ambos os projetos são espaços de educação não-formal onde

As práticas da educação não-formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. (GOHN, 2009, p. 1)

O Projeto Som+Eu tinha sua sede localizada próxima a estação do teleférico, no Morro da Providência, na Rua Rivadávia Correia, 188, Gamboa – Rio de Janeiro. O trajeto que fazia para chegar mudou, diversas vezes, durante o tempo que mantive minhas atividades por lá.

Relatar estes trajetos é uma forma de sinalizar o tempo necessário para ir até ao projeto Sou+Eu e sinalizar como a cada instante, ir a outros lugares, geográfica e culturalmente, distantes e distintos, para mim, tornavam-se, cada vez, mais presentes por estar envolvida com a prática musical.

Assim, inicialmente, pegava um ônibus próximo da minha casa para o bairro do Centro de Niterói até o Terminal Rodoviário Presidente João Goulart, depois uma segunda condução para atravessar a ponte Rio-Niterói que me deixava em frente a Cidade do Samba, na Gamboa já na cidade do Rio de Janeiro, daí em diante ia andando até a sede do projeto, aproximadamente por 10 minutos.

Logo depois, o trajeto mudou devido as obras para instalação de uma rede de trilhos para os veículos leves sobre trilhos (VLT) no Centro do Rio de Janeiro. Comecei a pegar o ônibus que sai do bairro onde moro e que passava na Avenida Presidente Vargas no Rio de Janeiro. Este ônibus tinha uma parada em frente à Central do Brasil, depois de descer do ônibus andava até a estação do teleférico e atravessa para o outro lado, todo esse trajeto levava entre 10 a 15 minutos. Mais ou menos seis meses depois que estava frequentando o projeto, o teleférico parou de funcionar por falta de manutenção, então eu e Ivson, um amigo que também fazia monitoria no projeto, começamos a atravessar andando um túnel que passava por baixo

da comunidade porque o ônibus que pegávamos nos deixava do outro lado, próximo à Central do Brasil. Andávamos por cerca de 25 a 30 minutos.

Algo que o Projeto Som+Eu e o ECG infelizmente tinham em comum, era a presença de conflitos armados que muitas vezes impossibilitava a realização das aulas. Lembro de vezes que chegava na sede do Som+Eu e quase não havia alunos para fazer as aulas, pois alguns precisavam descer o morro, já que o projeto ficava na parte baixa, e os tiros eram tão intensos que não era possível sair de casa. Mesmo com tantos perigos no caminho, considero o tempo que passei por lá muito relevante, conheci muitas pessoas, lugares, tive várias experiências e conheci muitas outras vivências em música pelos relatos dos colegas

Minha atuação no Projeto Som+Eu começou como violinista da Orquestra de Câmara e os ensaios ocorriam nas segundas-feiras e quartas-feiras das 14h às 16h. Tempos depois, fui convidada a ser monitora no projeto. Sendo assim comecei a dar aulas na segunda-feira e na quarta-feira antes do horário de ensaio.

Além da orquestra de câmara, o projeto tinha um grupo de sopros e uma orquestra de cordas que tocava arranjos mais simples. As aulas e ensaios eram organizados por instrumentos, na segunda-feira e quarta-feira funcionavam todas as atividades relacionadas às cordas friccionadas, na terça-feira e quinta-feira se realizavam práticas com diferentes instrumentos de sopro e na sexta-feira, só funcionava a parte administrativa do projeto.

O tempo em que participei do Projeto Som+Eu, auxiliou o meu desenvolvimento musical e também em outros aspectos da vida cotidiana, como organização financeira, pois recebia uma bolsa de R\$ 350,00 que precisava administrar a passagem que usaria no mês e outros gastos. Responsabilidade e atenção ao andar nas ruas, pois andar no Centro do Rio de Janeiro era muito diferente de ir até o ECG, o fluxo de pessoas era diferente, o tempo de locomoção e as ocorrências das quais ouvia falar exigiam um cuidado redobrado pelo perigo ao adentrar um território que não conhecia e não pertencia.

2.2 Contribuição para cursar a graduação

2.2.1 O que facilitou o ingresso

Em 2015, depois de participar do Festival do Vale do Café e estar mais próxima das atividades musicais no ECG, ingressar na graduação se tornou uma possibilidade. Assim, fez-se necessário organizar e viabilizar meios para que todo o desejo de dar continuidade aos estudos se tornasse viável, pois diante das dificuldades relativas ao deslocamento e financeiras

que em alguns momentos eram tão presentes quase se tornaram um empecilho para concluir a graduação.

A primeira que posso apontar foi a necessidade de fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), tendo uma defasagem no ensino oferecido pela escola pública que estudava e também por uma greve que aconteceu enquanto cursava o 3º ano de Ensino Médio, em 2016. Diferente de alguns colegas da minha turma tive a alternativa de mudar de escola e ir para uma que é particular com bolsa de 75% do valor da mensalidade. Esse acontecimento foi bom, mas teve também seus prós e contras. Primeiro, não precisei me preocupar com a falta de aulas por conta da greve, porém tive pouco tempo de dedicação para estudar para o ENEM e para o THE, pois a maior preocupação era estudar as matérias escolares para alcançar o nível de turma e conseguir ser aprovada no fim do ano escolar.

Além disso, outro ponto que precisou ser pensado várias vezes foram as questões financeiras caso fosse aprovada nas provas para ingressar na universidade, pois já tinha ciência que o curso era no período integral o que faria com que eu precisasse sair dos lugares que recebia bolsa. Teria que pensar como conseguir um sustento e o que mais me preocupava eram as passagens. Afinal de contas a faculdade ficava longe de onde moro, mais precisamente em outro município dando uma média de 2h30min. a 3h de viagem. Teria que pegar duas a três conduções entre a minha residência e o Instituto Villa-Lobos, UNIRIO, que fica localizado no bairro da Urca.

Apesar desses fatores, que para mim são pequenos quando comparados a realidade de amigos que fizeram o vestibular para música, sempre tive muito incentivo por parte das pessoas que dividiam esses anseios, como minha mãe, meus colegas do projeto e professores que passaram pela minha trajetória no ECG.

Antes de terminar o Curso de Formação em Música aconteceram algumas modificações que pude acompanhar muito de perto como a implantação do projeto de extensão universitária “Percepção” no ECG. Thiago Monteiro de Souza¹⁰ descreve em seu trabalho o porquê da criação desse projeto.

O projeto de extensão nasceu através de uma iniciativa da professora Adriana Miana de Faria, com intenção de ajudar os alunos bolsistas e cotistas ingressantes na UNIRIO que são oriundos de projetos sociais e apresentavam alguma “defasagem” em relação a disciplina PEM (Percepção Musical). (MONTEIRO, 2016, p. 30)

¹⁰ Thiago de Souza Monteiro é ex-aluno e ex-professor do ECG. Formado Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) atua como educador na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. É o primeiro de nós que passou em um concurso do município para dar aulas de música.

Em 2014, tive a oportunidade de conhecer a professora Adriana Miana de Faria, através das aulas, que começou a ministrar para os estudantes do ECG na própria sede do projeto. As aulas eram realizadas aos sábados das 13h às 15h e trabalhavam aspectos da percepção e sistematização dos conteúdos musicais. Acredito que esse contato com uma professora universitária, antes mesmo de estar dentro desse ambiente, contribuiu para o meu ingresso na graduação, visto que a presença do projeto e da professora no ECG geravam um sentimento de aproximação do espaço acadêmico, tendo em vista que, a educadora sempre deixava muito claro, ser o ambiente universitário acessível.

2.2.2 O que contribuiu para permanecer na graduação

Depois da entrar na graduação, a felicidade foi imensa, mas tempos depois alguns problemas começaram a aparecer. O primeiro deles, e talvez o mais preocupante, foi o fato de precisar sair do Projeto Som+Eu, pois tinha aulas na UNIRIO no mesmo horário das minhas atividades no projeto. Os gastos aumentaram e fiquei com a falta dessa remuneração.

Além disso, quando concluí o Curso de Formação em Música no ECG, parei de receber a bolsa oferecida pelo ECG. Diferentemente, de outros colegas que se formaram no curso junto comigo, não consegui dar aulas como monitora em algum núcleo do projeto, já que no início de 2017, tivera a notícia de que começaria a graduação no segundo semestre e que em algum momento precisaria abrir mão dessa atividade.

Com isso, a partir de agosto de 2017, quando minhas aulas na UNIRIO iniciaram, comecei a trabalhar tocando em cerimônias de casamento por indicação de amigos. A parte musical da cerimônia era organizada por empresas de assessoria musical, juntamente com outros músicos. Foi com este trabalho remunerado, mesmo sendo esporádico, que pude me manter, financeiramente, até o final do primeiro período, em dezembro de 2017.

A partir de 2018, recebi um convite da professora Adriana Miana para atuar com bolsista no projeto de extensão “Percepção”, o mesmo em que fui aluna antes de entrar na graduação. A remuneração como bolsista aliviou minha preocupação com a parte financeira, pois por mais que os casamentos fossem um trabalho, eles demandavam muito tempo de deslocamento, já que moro em Niterói e a maioria das cerimônias ocorriam no Rio de Janeiro. Havia, também, o risco, pois nem sempre conseguia voltar cedo para casa e sempre dependia do transporte público, que não é seguro e muito menos tem um bom funcionamento nos fins de semana.

Aliado a isso, havia meses em que não era chamada para tocar, então ficava sem o dinheiro. Não podia e nem conseguia contar sempre com este trabalho. Mas a bolsa mudou esse quadro, pois era um valor que estava ali todo mês durante o período do ano letivo vigente.

Acho importante relatar esses dois acontecimentos, pois eles com certeza contribuíram muito para a minha permanência na universidade. Além disso, tive um apoio financeiro dos meus pais durante todo o curso com o valor de passagem. Todo início de semestre, depois de montar minha grade de horário, fazia um cálculo de quanto gastaria com condução e eles dividiam o valor para que eu pudesse recarregar meu bilhete único. Este talvez seja resultado do aprendizado que tive quando recebia bolsa do ECG, saber me organizar financeiramente e verificar como iria me programar para custear a permanência na graduação.

Algo que considerei e tenho considerado importante durante a graduação é presença de amigos e colegas, sejam eles do projeto ou não, passando pelas dificuldades universitárias junto comigo. Quando cheguei na UNIRIO, já conhecia outros integrantes do ECG que estudavam lá, o que trouxe muitos benefícios, como: ter alguém para conversar e tirar dúvidas, trocar experiências e ser acolhido naquele ambiente totalmente novo. Durante os momentos de desânimo e vontade de desistir, em muitos momentos, essas pessoas foram cruciais, dando ânimo e contribuindo para que o ambiente universitário se tornasse o mais leve possível.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

3.1 Bolsista da extensão, retornando ao ECG (2018)

Foi por ser bolsista de extensão que retornei ao ECG depois de seis meses ausente do espaço. Os motivos da me ausentar eram as tarefas da faculdade e o trabalho em eventos no final de semana.

O projeto de extensão “Percepção” promovia atividades principalmente em dois espaços: no IVL e no ECG. No IVL os encontros, inicialmente, eram às terças-feiras das 10h às 12h e no ECG, esses encontros eram aos sábados das 13h às 15h. A partir do ano de 2018, os encontros no ECG passaram para o turno da manhã, de 10h às 12h, mantendo o dia da semana, sábados.

Como bolsista era necessário e interessante que estivesse presente em um ou nos dois espaços onde o projeto de extensão realizava atividades. Mas dois fatores impediam esse acontecimento, o primeiro é que as terças-feiras pela manhã eu tinha aula na UNIRIO e o segundo é que no sábado eu dava aulas de violino na Igreja pela manhã.

Diante disso, a coordenadora do projeto ofereceu a alternativa para que eu auxiliasse estudantes do ECG desejosos de prestar o vestibular para música. Assim, organizamos juntamente com o colaborador do projeto, Carlos Rodrigues da Silva (Carlinhos), uma turma em um horário alternativo com os estudantes interessados em cursar uma graduação em música. Foi assim, com este trabalho, que me reaproximei dos meus colegas do ECG.

3.1.1 Auxiliando os colegas que querem realizar o Teste de Habilidades Específicas (THE)

Um grupo de estudantes do ECG queria dar continuidade aos estudos de música e ingressar em uma universidade. Assim, começamos a treinar os conteúdos solicitados nas questões específicas dos THEs da UFRJ e UNIRIO. Inicialmente, antes de começar a trabalhar os conteúdos musicais previstos no edital das provas de THE, em uma conversa informal, perguntei se todos na sala gostariam de fazer o curso de Licenciatura em Música. Assim, surgiu a pergunta de quais opções e cursos haviam. Então, eu e o colaborador começamos a explicar que existiam os cursos de bacharelado em instrumento, curso de composição, regência e MPB.

A partir desse momento surgiu um questionamento que começou a ser repetido todos os anos “Você quer fazer licenciatura?”. Em entrevista, Rhenan Lopes Coelho Amaral, integrante da turma de 2018, intitulada “Preparatório THE”, e atualmente graduando do bacharelado em MPB relata que:

foi nas conversas no curso que eu descobri a MPB. Eu queria fazer música, somente. Não sabia que tinha uma subdivisão na faculdade de música. Lá que eu aprendi mais um pouco sobre o curso e decidi que era isso que eu queria seguir. (AMARAL, 2021)

A maior motivação para essa pergunta foi a preocupação com os estudantes do ECG que entravam no curso de Licenciatura pensando em fazer transferência para bacharelado em instrumento, ou porque essa modalidade permite ter mais possibilidades de conseguir um emprego, mas na realidade não tinham interesses em dar aulas.

Confesso que a escolha da graduação foi muito do meu conforto de escolher um curso que eu ingressasse com mais facilidade, por isso escolhi no primeiro momento a Licenciatura e não o Bacharelado em Viola (que é o que eu curso atualmente). Sim, o Curso de Formação teve relação com minha escolha, pois a maioria dos meus colegas do Curso fizeram a prova para a Licenciatura e muitos professores do Curso apoiaram nossa escolha. (SANTOS, 2021)

Então, eu e o colaborador, que dava as aulas comigo, passamos a ter sempre este momento de conversas com a turma para esclarecer dúvidas sobre os cursos, sobre o funcionamento da faculdade, entre outros assuntos, considerando nossa experiência individual na universidade.

3.2 Atividades realizadas no Espaço Cultural da Grota em 2019

No ano de 2019, fui convidada juntamente com o colaborador, para dar aulas a turma de Teoria Musical III e Percepção Musical, substituindo o professor Thiago Monteiro que não poderia dar aula, pois estava trabalhando em uma escola municipal. Desde então dou aula para a turma de Teoria Musical III.

Apesar do desafio de ministrar aulas para a turma concluinte do Curso de Formação em Música do ECG, o fato de já ter passado por aquele lugar como aluna e ter um vínculo afetivo com os estudantes, pois participávamos de outras atividades no ECG, acabaram por me deixar um pouco mais confortável para enfrentar este desafio.

Aproveitando esta aproximação, foi possível manter conversas a fim de informarmos e trocarmos experiências, como realizamos com a turma de 2018. Então, no primeiro dia de aula, depois de me apresentar para os poucos que ainda não me conheciam, a pergunta a ser feita foi “Você quer fazer licenciatura?”. Assim, foi possível iniciar um diálogo totalmente diferente do que foi realizado em 2018.

A turma de 2018 era formada por estudantes que estavam lá com interesse em ingressar em uma graduação na área da música. Já na turma de 2019 os objetivos eram muito diversificados, pois havia alunos que não tinham interesse em fazer graduação. Existiam outros que queriam fazer graduação, mas não sabiam em que área e ainda alguns poucos que queriam fazer a graduação na área de música.

Nas aulas de Percepção Musical, o trabalho era muito diferenciado de Teoria Musical III, em parte isso acontecia porque havia na turma alunos dos três anos do Curso de Formação em Música e qualquer outro estudante do ECG que quisessem participar.

Os níveis de conhecimento entre os estudantes eram diferentes, então tínhamos que pensar em formas de abordar os conteúdos musicais propostos de maneira que todos pudessem participar e compreender as atividades.

Diante disso, sempre tratávamos os assuntos por meios de jogos, em sua maioria desenvolvidos pela professora Adriana Miana e com brincadeiras que tivemos contato nas aulas de Processo de Musicalização (PROM) na universidade. As atividades eram realizadas em grupos, que eram organizados de tal maneira que os estudantes do terceiro ano do Curso de Formação em Música dessem um suporte para os colegas com os conteúdos que os outros participantes ainda viriam a aprender.

Os resultados dos trabalhos propostos sempre nos surpreendiam com a criatividade com que eram feitos. Sempre tentávamos elaborar atividades para que os estudantes pudessem criar, trabalhando com instrumentos e notação musical não-convencional. Também eram explorados os diversos sons que se pode obter com o corpo. Algumas destas atividades eram realizadas por meio de histórias.

3.3 Semana de Integração Acadêmica de 2018 e 2019

A Semana de Integração Acadêmica (SIA) é um evento que acontece uma vez por ano nas dependências da UNIRIO com o objetivo de apresentar os trabalhos desenvolvidos pelos programas e projetos da Pró Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC).

Como bolsista de extensão em 2018, foi necessário pensar em uma das modalidades propostas para apresentar o trabalho que estava sendo desenvolvidos no ECG. Diante disso, juntamente com a coordenadora do projeto de extensão universitária “Percepção”, escolhi a forma de apresentação oral onde teria cerca de 15 minutos para falar sobre as atividades realizadas. Aproveitei para falar sobre o ECG e as oportunidades que estavam sendo geradas através dessas aulas, pois o mais comum é que as pessoas com uma condição financeira melhor

paguem curso de conservatório ou professores particulares, mas essa não é a realidade de estudantes de um projeto social dentro de uma comunidade. Além da apresentação, levei o colaborador para tocar em dueto comigo, momento no qual fizemos uma pequena apresentação musical com músicas de Anitta e Luiz Gonzaga.



Foto 1: Carlos Rodrigues da Silva e Amanda Mateus de Abreu apresentando na SIA em 18 out. 2018

Em 2019, além de continuar como bolsista do projeto, também exercia a função de educadora nas turmas do Curso de Formação em Música, juntamente com o colaborador que nesse ano passou a ser bolsista PIBCUL (Programa Institucional de Bolsas de Cultura) do projeto de extensão universitária “Percepção”. Mais uma vez iríamos participar da SIA e em ambos os anos tivemos a intenção de retratar algo presente no nosso cotidiano como participantes de um projeto social.

No ano em questão começamos a pensar em formas de levar os estudantes alcançados pelo projeto de extensão para se apresentarem na SIA. Antes mesmo de saber como faríamos para levá-los, começamos a elaborar e, juntamente com a turma, esboçar o que apresentaríamos.

Diante dessa possibilidade, começamos uma conversa sobre como é morar dentro da comunidade e quais eram os desafios encontrados para estar presente no ECG. Logo muitos estudantes começaram a falar sobre a distância, aqueles que moram em comunidades fora da cidade de Niterói, outros falaram sobre os conflitos armados que, por vezes, os impediam de sair de casa ou impediam que tivessem aulas no projeto. Depois de muita conversa e muitas

experiências trocadas, foi resolvido que iríamos retratar sonoramente a história de todo trajeto percorrido por um estudante, desde o momento que saía de casa em dia de conflito armado, até sua chegada para as atividades musicais realizadas no ECG.

Este estudante residia em um outro município. Para isso, dois alunos da turma se dispuseram a redigir um texto que contasse essa história, que na verdade, retratava a realidade enfrentada por muitos. Os outros estudantes pensaram em formas de utilizar instrumentos não-convencionais para produzir os sons presentes na história. Desta forma, narramos por meio dos sons, parecidos aos que estão presentes na “paisagem sonora” (SCHAFER, 1991), o trajeto do estudante.

A coordenadora do ECG alugou um ônibus para que fosse possível levar os alunos do projeto para se apresentarem na UNIRIO, visto que conseguir autorização para utilizar uma das conduções da universidade, além de ser um processo bem difícil, a solicitação deveria ter iniciado uns dois meses antes do evento, também havia a possibilidade de não conseguirmos o transporte.

Foi uma experiência muito especial, enquanto narrava a história os estudantes faziam a sonorização e ao final recebemos muitos aplausos. Após a apresentação levamos todos para conhecerem o espaço onde ocorrem as aulas dos cursos de graduação em música, o IVL.



Foto 2: Estudantes do ECG apresentando “paisagem sonora” na SIA 2019



Foto 3: Bolsistas e estudantes do ECG próximo da sala Cinza, Escola de Teatro - UNIRIO



Foto 4: Estudantes do ECG na entrada do IVL, da direita para esquerda em pé estão o diretor Sérgio Barrenechea (2019) e a professora Adriana Miana

Após assistirem um ensaio aberto da banda sinfônica da UNIRIO que tocava temas de filmes e nós termos mostrado um pouco do IVL, foi a vez de apresentá-los à Praia Vermelha, quase todos nunca tinham ido até ao bairro da Urca. Alguns ficaram entusiasmados e foram molhar os seus pés nas águas do mar, outros gostaram tanto que ficaram mais molhados.

3.4 Colaboradora da extensão e as atividades desenvolvidas no ECG

No ano de 2020, deixei de ser bolsista do projeto de extensão universitária, com as mudanças efetuadas na PROExC, o projeto só recebeu uma bolsa. Em conversa com a coordenadora, considerei que a bolsa deveria ser dada ao Carlinhos, pois estava tendo trabalhos esporádicos e remunerados na ocasião. Desta forma, comecei a ser colaboradora do projeto “Percepção”. 2020 foi o ano que começou o isolamento social, causado pelo vírus da COVID-19. Com a pandemia, quase tudo parecia ter que ser reinventado e isso incluiu o trabalho desenvolvido com os estudantes do ECG. Foi necessário reorganizar, reelaborar e repensar em formas de trabalhar os conteúdos musicais de maneira remota que pudessem despertar nos estudantes vontade de realizar as atividades.

Para fazer o planejamento do que seria trabalhado nas aulas, começamos a fazer reuniões semanais com duração entre uma e três horas, todas as quartas-feiras. As aulas presenciais ocorriam aos sábados, no período remoto, as atividades eram enviadas pelo grupo de *WhatsApp* para os alunos também aos sábados. Desta forma, tudo tinha que ser bem planejado e com antecedência.

Para as turmas de Teoria Musical III, normalmente eu gravava um vídeo com a explicação da matéria, que era disponibilizado para os alunos via link do *YouTube*, e enviava um arquivo e/ou uma foto com a atividade proposta.

Na maioria das vezes, era eu quem fazia toda a gravação e editava os vídeos, por vezes solicitava a colaboração da professora Adriana Miana e do Carlinhos, para deixar os vídeos mais interativos. As atividades escritas eram elaboradas por um ou por todos nós.

Os estudantes tinham um prazo médio de cinco dias para devolverem as atividades feitas e dessa forma eu poderia computar as presenças deles nas aulas. As presenças são necessárias para a organização e acompanhamento dos estudantes pelo projeto social do ECG, não está vinculada ao projeto de extensão.

Nas turmas de Percepção Musical, o desafio era maior, tínhamos que pensar nas adaptações para as aulas remotas, visto que os encontros presenciais eram repletos de atividades em grupo e movimentação corporal. Então, diante disso, achamos um caminho alternativo para começar o trabalho que seria explorar os sons dos ambientes que os alunos se encontravam enquanto estavam em suas casas.

Dessa forma, recebíamos vídeos, áudios e fotos de objetos sonoros presentes no cotidiano dos alunos e montávamos um vídeo com toda a proposta da atividade.

3.4.1. Outras atividades educacionais na pandemia

Outra atividade criada, as oficinas oferecidas, remotamente, para diversos públicos. A primeira que participei foi oferecida pela professora Zoia Prestes (UFF) que convidou a professora Adriana Miana para coordenar e realizar as oficinas na UFF dentro do Festival promovido pela faculdade de Educação, no evento Fica em Casa com a FEUFF.

A professora nos convidou para realizarmos conjuntamente as oficinas. A proposta inicial era encontrar uma forma para alcançar a todos que se encontravam em isolamento social. E que esses pudessem, por meio dos sons produzidos nos lugares ou situações cotidianas, participarem efetivamente do projeto.

Assim, foram propostas atividades para que o grupo lembrasse dos sons que ouviam quando estavam dentro de um ônibus, ou em um bar ou outro local. Após, os participantes deveriam organizar estes sons de tal forma que quem os ouvisse, também, pudesse lembrar do local, identificando-os através dos sons característicos.

Já a segunda oficina foi para mostrar o vídeo e relatar a primeira experiência de uma narrativa sonora realizada no ECG, 2016, criada após um dia de um intenso conflito armado. Esta narrativa recriou a paisagem sonora deste dia que foi nomeada “Por que isso acontece?” Todos os convidados do ECG estavam neste dia, menos eu.



NARRATIVAS SONORAS

07 e 21 de julho, terça-feira
15 às 16 horas

Zoia Prestes e Adriana Miana - UNIRIO (coordenação)
Amanda Mateus e Carlos Rodrigues (UNIRIO), Diana Pazzini e
Giovanna Pelliccione (UFF)

Link: <https://bit.ly/3evImAr>

Imagem1: Divulgação das oficinas realizadas no Festival Fica em Casa com a FEUFF.

Após esta experiência e do relato dos participantes foram realizados outros convites para realizarmos mais oficinas, uma foi para os estudantes graduandos e pós-graduandos da UFF. Depois as propostas já eram diferentes, assim a coordenadora fez fotos e vídeos para que os participantes criassem uma história e sonorizassem, este material foi utilizado no núcleo do ECG – Apolo e com as professoras da UMEI Margareth Flores.

3.5 Conversas e mudanças na compreensão do que é o ECG

Além das atividades relatadas acima, atualmente participo da Equipe Pedagógica do ECG formada por Lenora, coordenadora; Diana Pazzini dos Santos, orientadora pedagógica; Valéria Custódio, orientadora educacional; Adriana Miana, professora da UNIRIO; articuladores e colaboradores temos nos reunido para repensarmos e propormos modificações na estrutura educacional e pedagógica do ECG.

Os articuladores têm a função de dar suporte aos professores de suas respectivas áreas de atuação com material pedagógico e proposta de atividades. É de responsabilidade do articulador, também, encaminhar questões de sua área para as reuniões da Equipe Pedagógica. Esta forma de organização foi sugerida pela professora Adriana Miana para que houvesse

pessoas responsáveis pelas demandas dos professores e alunos das aulas de instrumentos e musicalização oferecidas pelo ECG. Desta maneira, organizou-se uma divisão da seguinte forma: tornei-me a articuladora responsável pelos instrumentos de corda; Carlinhos, articulador dos instrumentos de sopro; José Carlos Vidal (Katunga), articulador dos regentes das orquestras e Alexandra Seabra, articuladora junto aos professores de musicalização.

Uma outra proposta presente na Equipe Pedagógica é a de pensar uma nova concepção mais atualizada da missão e visão do ECG, visto que em alguns momentos os participantes do projeto não se sentem pertencentes ao que está exposto nesse trabalho e a efetividade das ações propostas.

Considero que esses encontros podem contribuir de maneira eficaz para as ações tomadas no ECG, partindo-se de uma visão que acolha as múltiplas vozes dos sujeitos atuantes neste espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivada pelas experiências de vida promovidas pelo ECG na área da educação, escrevi sobre o Curso de Formação em Música, pois este me deu acesso a conhecimentos necessários para ingressar na universidade. É neste curso que participei como estudante, onde atualmente dou aulas, posso compartilhar conhecimentos e experiências, enquanto graduanda.

Considero que escrever sobre o Curso de Formação em Música, uma das práticas educacionais em que mais atuo no ECG, seja importante pois possibilita, também, refletir junto aos estudantes, que estão finalizando o Ensino Médio, a importância de prosseguir com estudos universitários.

Desta forma, podemos ir além do que é infelizmente considerado ainda comum para a classe social menos favorecida economicamente. Quando os estudantes se interessam em se graduar em música também posso auxiliá-los.

No primeiro capítulo, deste trabalho, apresentei o histórico do Curso de Formação em Música do ECG, desde de sua implantação em 2004, passando por algumas das modificações realizadas, para chegar na estrutura atual. Para isso, foram apresentadas as parcerias estabelecidas e os resultados alcançados pelos estudantes após concluírem o Curso de Formação em Música.

No segundo capítulo, escrevi a minha história de vida focalizando como se desenvolveu o estudo em música desde o início, passando pelo Curso de Formação em Música até ingressar no curso de Licenciatura em Música na UNIRIO, em 2017.

No terceiro capítulo, foram apresentadas as atividades que participei como bolsista e colaboradora do projeto de extensão universitária “Percepção”, educadora no Curso de Formação em Música e articuladora dos professores de instrumentos de cordas do ECG.

Desenvolver esta pesquisa, possibilitou investigar e obter informações de como um dos projetos desenvolvidos pelo ECG proporciona possibilidades aos seus participantes. Considero que os dois espaços educacionais, não-formal e formal, destacados neste trabalho de conclusão de curso, o ECG e a UNIRIO, têm grande importância na minha trajetória, não só musical, mas de vida.

Ambos me proporcionaram conhecimentos, ferramentas para elaborar diferentes trabalhos e oportunidades para me desenvolver como educadora, para que assim pudesse dividir com estudantes de outras gerações, com vivências semelhantes à minha, que é possível sonhar e realizar nossos sonhos, se tivermos acesso, persistência e resiliência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA; Jéssica de e LOURO; Ana Lúcia. **O método biográfico e a formação de professores: um recorte do contexto brasileiro.** In: Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, VIII, 2018, São Paulo.

FARIA, Adriana Miana de. **Uma vivência educacional em projeto social: a percepção musical no Espaço Cultural da Grotta.** Orientadora: Mônica Almeida Duarte; Coorientadora: Zoia Ribeiro Prestes. 2018. 481f. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Centro de Letras e Artes, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12858>

FERNANDES, José Nunes. **Relato de experiência em educação musical: questões básicas.** *ouvirouver*. Uberlândia, v.11, n. 1, p. 100-122, 2015. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/30391> . Acesso em: 25 mar. 2021.

FREITAS, Maria de Fatima Quintal de; WEILAND, Renate Lizana. **Música e projetos sociais e comunitários: o que as publicações da ABEM têm revelado?** In: SOUZA, Jusamara et al. *Música, educação e projetos sociais*. 1ª edição. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. p. 63-93.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social.** *Meta: Avaliação*. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 28-43, 2009. Disponível em <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1> . Acesso em: 18 mar. 2021.

KLEBER, Magali Oliveira. **A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo Pedagógico-musical.** *Revista da ABEM*. Londrina, v.19, n. 26, p. 37-46, 2011. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/172/107>. Acesso em: 25 nov. 2020.

_____. **Música e projetos sociais.** In: SOUZA, Jusamara et al. *Música, educação e projetos sociais*. 1ª edição. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. p. 27-50.

MACIEL, Edineiram Marinho. **A música como fator de integração social no sertão da Bahia.** In: SOUZA, Jusamara et al. *Música, educação e projetos sociais*. 1ª edição. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. p. 95-107.

MONTEIRO, Thiago de Souza. **INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA: uma experiência no Espaço Cultural da Grotta.** 2016. Trabalho de Conclusão (Graduação em Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, Alexandra Seabra Melo de. **Arte musical como transformação social: Orquestra de Cordas da Grotta.** 2011. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação Artística) – Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **ESPAÇO CULTURAL DA GROTA Arte, cultura e cidadania como identidade cultural.** 2019. Monografia (Pós-Graduação em Gestão Cultural) – Programa de Estudos Culturais e Sociais, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2019.

SCHAFFER, Murray. **O Ouvindo Pensante**. Tradução Maria Trench de O. Fonterreada; Magda R. Gomes da Silva; Maria Lucia Pascol. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

SOUZA, Jusamara et al. **Música, educação e projetos sociais**. 1ª edição. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

ENTREVISTAS

AMARAL, Rhenan Lopes Coelho. *WhatsApp*. Entrevista concedida a Amanda Mateus de Abreu, Rio de Janeiro, 15 set. 2021

MENDES, Lenora Pinto. *Google Meet*. Entrevista concedida a Amanda Mateus de Abreu, Rio de Janeiro, 07 set. 2021.

MONTEIRO, Thiago de Souza. *WhatsApp*. Entrevista concedida a Amanda Mateus de Abreu, Rio de Janeiro, 17 set. 2021.

SANTOS, Ivson Gouveia dos. *WhatsApp*. Entrevista concedida a Amanda Mateus de Abreu, Rio de Janeiro, 16 set. 2021.

SILVA, Carlos Rodrigues da. *WhatsApp*. Entrevista concedida a Amanda Mateus de Abreu, Rio de Janeiro, 22 set. 2021.